

# A COMUNA

SEMANARIO COMUNISTA ANARQUISTA

ANO V—SÉRIE II

N.º 107 (197) — 29-3-925

PREÇO: CONTINENTE e ILHAS, \$30—AFRICA, \$40—ESTRANGEIRO, \$65

Redactor principal:  
**Clemente V. dos Santos**  
Editor:  
António José d'Almeida

PROP. DO GRUPO EDITOR DE A COMUNA  
RED. e ADM.: Rua do Sol, 131—PORTO  
CORR.: APARTADO 17—PORTO

Administrador:  
**José Rodrigues Reboredo**

Comp. e Imp. na Tip. A INTERMEDIARIA, Porta do Sol, 23

## EM REDOR DUM MANIFESTO

A U. I. E., isto é: o antro representativo da ladroagem nacional, editou um estopante manifesto ao país, no qual defende os seus pontos de vista de descarável espoliação. O quilométrico arrazoado é um conjunto curioso de incoerências, gafes, maltrapilhicas afirmações. Como expoente de doutrinas, é uma falência completa: o *Balcão*, o *guichet*, nunca pôde conceber um pensamento de generosidade; o seu fito primordial está na arripa, astuciosa ou violenta, em pequena ou em grande escala, de todo o património social.

O manifesto, estipendiadamente encomendado a qualquer escritorelho de cérebro ôco mas ágil na reunião de frases retumbantes, teve, quanto a nós, esta útil mas passageira, propriedade: a de lentivar, por uns minutos infinitesimais, a crise da indústria gráfica. De facto, os compositores e impressores tipográficos precisam de viver. E já que as actuais condições da sociedade não consentem coisa mais instrutiva, científica e moral, ao menos que gemam os presos na típica gravação da asneira mercieiresca.

A União dos Interesses Económicos, quer dizer, o seu paradoxal manifesto é um amontoado de extravagâncias asnáticas. Nem outra coisa poderia sair da cachaceira rubicunda dos *forças vivas* a tornar morta, pela malandrice dos seus processos de escravização económica, toda uma nacionalidade entãp da no esque.

Entre o chorrilho de diábetes manchados no manifestativo papel em alusão, sobressai-se, no reverso, esta inocente calinada: *desde 1910 já se formaram 30 partidos!* E nesses partidos, com ares de quem conhece todo o movimento nacional e internacional das oposições políticas, económicas e sociais

dos revolucionários, a U. I. E. (dêve lêr-se *á união dos insaciáveis eméritos*) incluiu os anarquistas e sindicalistas. Para os peralvilhos do abacalhoado bando das plutocracias rãpazes, os anarquistas e sindicalistas só apareceram com o chuveiro tenebroso da adesiva, falsa republicanada de há 15 anos incompletos.

E' claro que não está na nossa tarefa doutrinária e elucidativa o ilustrar a broncosidade enzebadã da matulagem da finança, do comércio, da indústria e da agricultura, explicando-lhe que o sindicalismo já vem de longada, desde que os escravos conheceram a imperiosa necessidade de se unirem para defender os seus direitos à existência livre e para correrem com as quadrilhas sinistras do poder e da monopolização violenta do espólio social e humano; explicando-lhe que os libertários surgiram desde que, na emboscada da vida traiçoeira, se notou o primeiro malandro que principiou, pelo ardil, pela manha, pela força, a viver à custa do seu semelhante, roubando o e tiranizando-o. No decorrer dos tempos, apenas se tem catalogado as aspirações humanas e aperfeiçoado, cristalizado, as ideias da libertação anárquica dos povos.

Aparigangados no charco latrocinante do *Deve Haver*, os pulhas da alta e baixa mercadejação não possuem miolos de inteligente armazenamento dêstes pormenores históricos, filozóficos, psicológicos e teóricos dos princípios emancipadores, enraizados nas massas sedentas de justiça.

O que adquire foros de excepcionalidade lôrpa, é a afirmação patusca de que a fragmentação exagerada dos grupos políticos e da variedade das *nuances* do partidariismo é uma das causas do cáos em

que se vive». E para que êste axioma seja banido da clássica vulgaridade dos acontecimentos, os saltadores da cálabrica U. I. E. enriquecem aquela fragmentação com mais o seu satelitelismo. campanário girando à volta das ambições do mando, da hegemonia do poder governativo e ditatorial.

Verdade é que, para não morreremos de susto, fazem o pacato e cauteloso aviso de que a U. I. E. «não se propõe governar o país. Deseja apenas contribuir para a transformação de certos processos e de certos hábitos que vinham tornando impossível, mesmo aos políticos honestos e competentes, o exercício do Poder.»

Achamos uma graça, um-graçadíssima a êstes maganões do *ôlho vivo*. Se não pretendem governar nem «agravar esta confusão» dispersiva dos 30 partidos... em esfacêlo, para que é então que se constituem em legião à parte de rapinanças propósitos? Para «colaborar com todos os govêrnos desde que sigam o programa» que a U. I. E. expõe?

Ora p..., que sendo um pau, muito bem ajustado ficava nas regiões lombares dos trampolinos mercantilistas...

Sêbido que os processos e os hábitos dos *interesseiros económicos* da União dos *insaciáveis eméritos* da judiaria fribusteira das oligarquias financeiras e batateiras da União, tem sido o da crápula, da corrupção, do debochamento, da orgia e do roubo impune, construindo fortunas colossais à custa da adulteração, do envenenamento, do desfalque e do encarecimento sistemático dos gêneros primários e secundários; à custa da intoxicação, do enfraquecimento, da anemia, da tuberculose, da miséria do povo trabalhador atrozmente explorado nas fábricas, oficinas, campos e minas— fácil é de compreender qual é o programa moralizador, equilibrativo e pacifista que os bando-leiros da U. I. E. pretendem

que os governos, «s-jam conservadores ou radical», sigam integralmente: a prolongação da esfomeação pública...

E foi para isto que os argentinos da U. I. E. distribuíram, ao país, a bosteirada das suas prédicas ridículas e matreiras embrulhadas no papel que a pobre e infeliz máquina tipográfica teve a desdita clangorosa de lhe imprimir o aspecto material do grande invento guttenberguiano...

Ora p..., repetimos, porque, na verdade, a dissolvença das feras reunidas na toca da U. I. E. impõe-se a cacête, a landreiro...

Mas nós não ficamos por aqui. Para outra vez, mais alguma coisa diremos da nossa justiça.

## «VIDA NOVA»

Acaba de constituir-se nesta cidade um grupo anarquista com o título que nos serve de epígrafe, o qual se propõe difundir, na zona que lhe está destinada, os sãoos princípios libertários. Logo que tenha casa própria, iniciará uma série de palestras e conferências.

Lavrôu o seu mais vemente protesto contra o manejo das forças vivas que pretendem implantar uma ditadura atinente a suprimir as poucas liberdades proletárias.

Resolveu: saúdar todos os presos por questões sociais que se encontram nas Bastilhas da República Portuguesa; e aderir ao Comité de Organização e Propaganda Anarquista do Norte e U. A. P. Desejando êste grupo corresponder-se com os demais grupos, pede para que lhe enviem as suas respectivas direcções, devendo toda a correspondência ser dirigida para Domingos Ribeiro (G. A. V. N.), rua do Gestal, 59—Contumil—Pôrto.

## COMO NAO SER ANARQUISTA?

Preço \$20; pelo correio \$30

# A Orfandade da Terra

## A DOR DO MAR

Somente perto das praias, nas povoações costeiras e nas grandes cidades, podemos notar a existência de homens em Portugal. Pela terra dentro, nas pequenas cidades provincianas, nas vilas, aldeias e freguesias, a população masculina decresce, minga, escasseia aterradora-mente, até ao ponto de nos dar a impressão de que, só por mero acaso, existem homens. É o espírito da mulher lusitana quem substitui o braço do homem; ela é quem supre o esforço varonil no trabalho cotidiano da fábrica, da oficina, do atelier e muitas vezes em todas as lutas da vida.

A mulher produz junto do tear ou vergada sob os labores da costura e de outros mestéres úteis; desce, já também, às profundidades da mina, para arrancar das entranhas da terra o minério; debruça-se ante o arado que arroteia a terra; ante as plantas, das quais colhe, com esforço, o fruto que enriquece os outros; ante as espigas que a foicinha vai segando, incessantemente, para afrancar o pão amargo do amanhã; debruça-se, enfim, ante todos os mestéres da lavoura, sob o peso dum trabalho insano e mal remunerado, tratada como vil escrava, ao mesmo tempo que, solícita, atende ao filhinho que dorme ou chora sobre um improvisado berço de ervas secas, colocado à beira dum regato, entre juncos e a sombra dum salgueiro.

A mulher vai às feiras e mercados, às vilas ou cidades, para fazer as suas transacções domésticas; ela é quem leva, na vida do lar, a directriz de tudo. Até de qualquer demanda judicial! Ah, a justiça burguesa em humildes lares labregos!

¿Onde estão os homens?...

Os sedentários, os filhos dos potentados, os parentes ou protegidos dos chefes políticos; os afilhados e filhos espúrios dos aristocratas de «*pur sang*»; os descendentes dos judeus banqueiros, mancomunados com os afilhados dos deputados, com os *snobs*, vivem nas grandes cidades, à sombra da alta finança, encostados nas esquinas das ruas cênicas, ou sentados nas mesas dos cafés da moda, vendo passar as senhoras do *bon ton* e cheirando as suas saias, na previsão dum casamento convencional que

lhes dê nome e fortuna. Os outros, os da classe média, frequentam os mesmos pontos de reunião, disfrutam do empregozinho que lhe foi concedido pelo influente político, vivem, também, nas grandes e pequenas cidades, à sombra do orçamento do Estado, na esperança das prespectivas dos primeiros, entre a degenerescência e o vício. Uns e outros são, realmente, «*bôas almas*» burguesas, sem outras esperanças que as de encher o estô nago... por que não sabem fazer outra coisa. Para estas criaturas sem escúpulos, a vida chamada provinciana, a verdadeira vida das vilas sugadas, das aldeias humildes, das cidades monótonas, petreficadas pela ambição e a inércia, com as mesmas alternativas e os mesmos homens, principia aí e aí termina. Não tem Novos Horizontes.

Os outros, os homens do porvir, os que representam uma actividade produtiva, um valor dinâmico e ético, a fonte de todas as riquezas, não estão em Portugal, não cabem aqui. A juventude vigorosa que é entusiasmo e força, artéria viva e orgânica, que ainda não foi captada pelo *snobismo* do meio ambiente, tendo visto o exemplo dos velhos que, regando a terra com o seu suor durante uma longa vida, teem, exaustos e miseráveis, sido rendidos pelas fadigas, ausentou-se para outros países pela conquista dum *bem estar* relativo que ainda não puderam encontrar. No entanto, outros ficaram com o cérebro impregnado de rebeldia, lutando contra a injustiça da má organização social presente, arrastando os seus dias sob o peso da fome e da angústia.

Desta realidade, desta prespectiva tremenda, nasce a *orfandade da terra*, o abandono do lar e dos campos que só oferecem miséria e sofrimento em troca dum trabalho árduo e mal remunerado, facto que fomenta a emigração e o exodo para outros países que o génio convencional dos líricos patrioteiros, com espírito conquistador e aventureiro, cantam como terras de promissão.

Em Portugal, nos campos portugueses, não existem homens, e isto sucede porque aqui não há lugar para eles. A tempestade Social, a iniquidade nefasta dos potentados, a ex-

ploração, a opressão dos governantes, a desmedida ambição dos que se dizem privilegiados, arrojam-nos periodicamente para as praias da emigração, para as terras inóspitas do sertão brasileiro ou africano e para as devastadas campinas do Marne ou da Flandres, à conquista duma vida melhor. Não é, não, a pleto da força quem os impulsiona para as terras da moderna escravidão: é a anemia, a fome e a miséria quem os empurra a procurar tónicos vitais e Novos Horizontes.

Partindo deste ponto de vista, deste aspecto mais rudimentar da vida civilizada, constatada em manifestações ideológicas, sociais e de cultura, em Portugal tudo se inclina a tornar a vida impossível ao homem, que não se resigna a uma existência vegetativa de parasitismo e renúncia.

O obstáculo vem do mais alto ao mais baixo, percorrendo um trajecto em cuja longitudinalidade se afogam todos os direitos, os mais elementares direitos cidadãos, algemados à opressão e ao favoritismo; até se afoga o isolado sentimento da liberdade e da justiça, vinculado hoje numa oculta aristocracia de «*forças vivas*»; estagnada entre os sectores de poliquismo ultramontano e nas fileiras do *nacionalismo fascista*.

A parte as grandes cidades, só nas povoações costeiras das praias ficam homens. Tem-os contidos a fecundidade do mar que é um perigo constante, para eles, mas também é o pão para os seus seres queridos; tem-os contido a condição do seu mester de pescadores, que os faz arroçados, e o amor às suas choupanas humildes, o alvoroço constante dos seus pequeninos quando os vêem depois do rude combate com as ondas nas noites de tempestade, em que o mar agitado, rugindo com fúria e com ressonâncias lúgubres, traz até à praia a benéfica e heróica barquinha, seu único património...

Mas o pescador já não está de todo algemado aos braços da família, nem ao terno sorrir dos filhinhos; o seu olhar perde-se muitas vezes num dôce sonho de felicidade, sob os auspícios duma sociedade igualitária onde há a possibilidade dum *bem estar* relativo e uma melhor vida humana.

O pescador olha na direcção do oriente quando a sua barca se separa da praia e entra pelo mar dentro, exausta e vacilante. Olha por que logra apalpar, no comprido dos seus dias de incerteza e das suas noites de

tempestade, o fruto do seu trabalho e fadigas. O prisma lendário de além mar, sedutor como um talismã, rutilante como um prodígio, cega-lhe os olhos do coração e do amor do lar e da sua terra. O Amor à aldeia nativa não é suficiente para tranquilizar a sua rebeldia contra a luta estéril do viver numa luta sem vitória.

Os tentáculos da cidade chegam até ao seu pobre lar costeiro com a opressão brutal das contribuições que, em Portugal, são chagas incuráveis que transformam as povoações costeiras em fendas de tirania exploração degradantes, onde é angustiosa a vida dos párias do Atlântico que soluçam esfomeados e em uníssono, a imensa dor do mal... Mas dia chegará em que a miséria do pescador desaparecerá, libertando-se das vicissitudes que o maltratam e vivendo feliz entre o amor dos seus e sob os auspícios do Comunismo Libertário.

CARLOS HENRIQUES CHAVES

## CONFERÊNCIA ANARQUISTA DA REGIÃO DO SUL

A comissão organizadora da primeira conferência anarquista da região do sul, deliberando, para fins do próximo abril, a realização da mesma conferência, convida por este meio, todos os organismos libertários, camaradas isolados e imprensa operária do país, que queiram, a fazerem-se representar na mesma conferência, a qual, além de outros trabalhos, terá por objectivo principal, a criação da Federação Anarquista da Região do Sul.

Todos os grupos e camaradas que desejem assistir à dita conferência, poderão desde já dirigir-se a A. Alexandre de Melo, Cercal do Alentejo ou a Valentim Adolfo João, Mina de S. Domingos ou ainda à sede da União Anarquista Portuguesa, travessa da Agua de Fôr, 16 1.º — Lisboa, os quais lhes comunicarão o dia e local da conferência.

Pela comissão organizadora,  
O Gr. Libertário Luz e Liberdade  
CERCAL DO ALENTEJO

N.º 14 e 83 de «A Comuna»

Pedimos a todos os camaradas e especialmente aos nossos prezados agentes que tenham exemplares dos números acima citados, o favor de nos los remeterem, para completarmos algumas colecções de «A Comuna» que se encontram incompletas.

Crónica de Sines

## Um apêlo aos homens de coração e bom senso

Não há certamente ninguém que ignore que a oligarquia reaccionária prepara um salto de tigre para devorar a sua vítima.

Os exploradores de todos os matizes, sentem tremer-lhe o chão de baixo dos pés; e porque se julgam um pouco inquietos pelo despertar desses a quem tem manejado a seu belo prazer, tanto no campo económico como no campo político, e-los recorrendo a toda a espécie de conjuras, ainda as mais criminosas e abjectas, para manter debaixo da sua pata férrea e eterna vítima de todos os tempos.

Desde a sublevação à mão armada, até à vil calúnia insinuada nesses nojentos pasquins a que dão o nome de «jornais de grande circulação», servindo-se da maravilhosa descoberta de Gutemberg para os seus fins maquiavélicos, torpes e miseráveis, pretendem ludibriar os incautos prometendo-lhes mil felleidades, como todos os charlatães de feira, como os pentomineiros de toda a espécie que de tudo se servem para se guindar às culminâncias do poder, onde engordam como porcos, metendo o facinho, patas e tudo na grande maceira estatal.

Urge, pois, que todos os indivíduos que se presam de ter dignidade, venham até nós, a auxiliar nos nesta sacrosanta cruzada que todos temos o direito de defender, se não quisermos ser cúmplices da grande desgraça que se abeira dos nossos lares e ameaça os nossos queridos filhinhos e esposas.

Todos os homens que amam a liberdade, a justiça e a razão, não podem olhar com indiferença e apatia para essa horrível tragédia que se pretende levar à prática, a fim de mais facilmente nos explorarem e roubarem as regalias que tanta vida, tanto sangue e tanto martírio custaram aos nossos antepassados.

Calar a voz neste momento, é um crime de lesa humanidade.

Em nome do grupo «Obreiros do Futuro», apelo para a mocidade estudiosa para que, desprezando vícios que corrompem e degradam, venham chelos de fé e de esperança trabalhar contra os nossos fegadais inimigos que se armam até aos dentes.

Trabalhadores do braço e do

cérebro! cerrai fileiras! Lembrai-vos que se a reacção triunfa na sua sanha maldita, aí de nós todos!

A nossa liberdade, os direitos conquistados com milhares de sacrifícios, todas as regalias, enfim que ora disfrutamos;— numa simpleza penada podem desaparecer da constituição e de todos os códigos de que os pais da pátria tanto se ufamam, dando-nos em substituição a força, o cacete e a morte sumária, como no caso dos Olivais, Bêco da Galheta, etc., etc.

Lembraí vos, camaradas, que se hoje se faz o que diariamente se vê, go' que se não dará amanhã quando impere, em absoluto, o despotismo dos tiranos da Finança, do alto Comércio e dos grandes agricultores?

Vinde, pois até nós! Façamos da nossa fraqueza uma força invencível, unindo-nos como um só homem, prontos ao maior sacrificio, lutando até à morte, se tanto for preciso, em defesa do nosso bem estar.

Não consintamos que a reacção, com máscara branca, azul ou encarnada nos venha enganar com elixires que não possuem.

Trabalhemos pela abolição de toda e qualquer forma de governo, quer êle se apresente de coroa ou barrete frágil. O povo, para os governos, é sempre a cambada, a escória, a ralé, e como tal, merece a delicadesa com que a policia e guarda republicana o costuma tratar.

Por isso, queremos uma sociedade sem o Estado que nos sugue até à última gota de sangue, a título de contribuições, e ainda disponha da nossa liberdade a seu belo prazer.

Queremos uma sociedade sem militarismo que arranque o homem a um trabalho útil e honrado e o transforma num cruel assassino.

Queremos uma sociedade onde não haja juizes que condemnem o homem pelo simples facto de ter uma idea, «tirando para as masmorras infectas e imundas, ou para as plagas africanas, não se importando com os grandes ladrões dos 50 milhões de dólares; com os ladrões dos transportes marítimos e da exposição do Rio de Janeiro; com os incendiários do depósito de fardamentos; enfim, com todos os tartufos que teem pôsto a saque este pobre país.

Queremos uma sociedade sem esses antros miseráveis a que chamam cadelas e que são a escola do crime, onde se prendem militares de indivíduos

inocentes ou por causas fúteis, os quais, em convívio com outros desgraçados que a sociedade fez criminosos, se desenvolvem tornando-se criminosos de profissão.

Queremos uma sociedade, enfim, onde todos os seres, sem excepção, possam disfrutar a maior soma de bem estar. E porque queremos a felicidade de todos em geral, eis a razão porque nos propomos combater tudo quanto representa torpessa e tirania, venha donde vier e parta de onde partir.

Queremos pão e liberdade, mas sem restrições, nem por esmola ou caridade hipócrita e jesuítica.

Que todos tenham igual direito ao banquete da vida, trabalhando todos para a mesma comunidade.

Queremos liberdade, mas ampla e absoluta, tal como as aves e os peixes, em harmonia com as inmutáveis leis da natureza. Eis por que trabalhamos e o que desejamos.

¿Seremos criminosos, indesejáveis, etc., etc., porque queremos a harmonia e a paz sobre a terra?

Se entendeis que é justo quanto queremos e desejamos, vinde juntar o vosso ao nosso esforço, para que o que aspiramos seja um facto dentro em pouco.

Calcai aos pés todos os obstáculos que se antepõem à realização do nosso sublime ideal, e assim vê-lo eis coroado de bom êxito, ainda que à custa dos maiores sacrificios empregados para levarem ao fim essa gigantesca empresa que trará a redenção da humanidade, escrava de preconceitos e vítima dos tiranos.

Sines, 17-3 925.

UM OBREIRO DO FUTURO.

## A LETRA...

## Os socialistas

Os socialistas que se acotaram na rua de Camões, teem o segredo das «descobertas». Respondendo asinadamente àquilo que escrevemos no nosso penúltimo número sobre o bloco Herriot-socialista, dão-nos a entender que o Marcial Jordão quando escreve, no *Noticias*, alguma coisa contra os socialistas, é porque os mercieiros lho encomendam e lho pagam. Ora

nós, servindo-nos da mesma lógica, afirmamos, sem receio de desmentido, que quando o *Carapuça*, isto é, o bicho-mór da socialista tripeira (ou seja o *emejota da çilva*), esvurma no mesmo jornal a sua billa peçonhenta contra os anarquistas, é porque os mercieiros o estipendiam regularmente. Se as colunas da referida gazeta servem ao Marcial Jordão para, na opinião dos socialistas, ganhar umas notas do Banco, porque motivo não hão de servir ao *Carapuça* para o mesmo efeito? Ambos estão no mesmo caso: o Marcial Jordão ataca os socialistas? Recebe dinheiro dos mercieiros. O *emejota da çilva* ataca os anarquistas? Recebe dinheiro dos mercieiros. E' esta a conclusão que tiramos do *suetista* do orgão da rua de Camões.

E já que estamos com as mãos na massa, aí vai mais uma rectificação.

O nosso camarada Costa Carvalho pretendeu rebater as palavras do sidonista *agasparinhado* Amâncio d'Alpoim. Impediram-no disso alguns correligionários do *conferente* especialmente A. Carneiro. Já vê o *suetista* que faltou à verdade, como de resto e norma lá por casa.

Quanto ao resto, a ramela que tem nos olhos, não o deixou ler aquilo que escrevemos. Nós dissemos que, enquanto os socialistas franceses apoiam Herriot, se esquecem de cumprir o seu programa, isto é, o programa que apresentaram aos papalvos que lhe deram os votos. E' nos indiferente qualquer combinação eleitoral ou mesmo governamental; mas, no caso presente, salientamos com documentos a incoerência dos socialistas franceses que se deixaram engulir pela burguesia em detrimento daqueles que diziam, e dizem, *defender*. Nada mais. E, ao mesmo tempo, demonstramos que esse procedimento se coaduna muito bem com o espirito sidonista do Alpoim. Foi por isso que êle os elogiou, na mira de ser, amanhã, igualmente elogiado.

Isto foi o que não compreendeu a socialisteirada do orgão da rua de Camões. E é natural: traz as mãos no ar por um extravagante capricho da natureza...

Chave do Esperanto  
Preço, \$30

## A nossa propaganda... antieleitoral

Promovida pelo Centro Comunista Libertário desta cidade, efectuou-se, no domingo préterito, uma conferência de propaganda antieleitoral, que resultou uma bela exposição das ideias que devem orientar todos aqueles que anseiam pela completa emancipação da humanidade.

Foi conferente o nosso camarada Serafim Cardoso Lucena, que principiou por aludir ao confucionismo existente e alimentado por alguns militantes revolucionários, a quem, aliás, reconhece um passado cheio de sinceridade e com quem se acha ligado pelos laços da mais fraternal camaradagem.

Ante a hipótese do triunfo das forças conservadoras ou da vitória das falanges esquerdistas, aqueles camaradas vacilam entre o correr em auxílio das últimas e o cruzar os braços, deixando o campo livre à propaganda eleitoral dos políticos.

Estes são proficientísimos no emprêgo, pelas vésperas das eleições, das mais interessantes habilidades, procurando prender as massas ao interesse pelo triunfo das suas aspirações partidárias. Para o efeito ser mais surpreendente e de resultados mais seguros, desferem o bordão grave de que a hora é de perigo, proclamando a emocionante necessidade de todos os avançados abaterem as suas bandeiras das variadas tendências, afim de ficar a flutuar só uma: a da Liberdade.

Esta orientação serve simplesmente para ajudar os políticos na sua escalada ao poder. Podemos colher exemplos frizantes desta verdade no que se tem passado, tanto em Portugal como nos outros países.

Uma vez os políticos alcançados no poder, quer pertençam às direitas, quer sejam de filiação esquerdista, fazem, pela violência das armas da chamada força pública, calar a voz do povo quando este, no uso dum legítimo direito, reclama mais liberdade e exige o fiel cumprimento das promessas aparatosamente feitas no decorrer da propaganda eleitoral.

Para se aquilatar do acerto desta afirmação, basta citar este flagrante exemplo: segundo a comunicação vinda ultimamente a público por inter-

médio dos jornais, o sr. José Domingues dos Santos, o político mais extremista da esquerda democrática, almeçou com o sr. António Maria da Silva, o extremista mais feroz da direita do partido republicano português. Por aqui se depreende facilmente que todos os políticos, «avançados» ou retrógrados, se equivalem e se entendem no tradicional ludíbrio público.

Todos os governos, qualquer que seja a sua feição esquerdista ou direita, são conservadores, visto que são incapazes de ferir o princípio de autoridade que justifica a razão da sua existência e que representa o pilar em que assenta todo o regime estatal.

Toda a engrenagem política em que se alicerça o regime estatal tem por base a legislação, produto do sistema parlamentar. O parlamentarismo pois, é a base do princípio da autoridade, princípio este que estabelece a desigualdade social e impede a felicidade humana. Para que defender, portanto, o sistema parlamentar, se ele é o prototipo do princípio da autoridade, do predomínio, do privilégio de castas, da exploração do homem pelo homem, da riqueza de uns tantos constituída sobre a miséria de uns quantos?

Nenhum anarquista com ideias definidas, com convicções arraigadas, com sentimentos profundos, pode transigir com o regime parlamentar. Pelo contrário, deve combatê-lo a outrance, por todas as formas, visto que o princípio de autoridade é uxo e indivisível. Proceder de maneira inversa, é não ser anarquista, é não defender e amar os princípios da Liberdade.

É da máxima necessidade, antes de encetada a propaganda antieleitoral, um completo entendimento entre todos os anarquistas, para que não possam surgir dúvidas acerca da nossa orientação.

Alguns políticos, entre eles os socialistas, afirmam que os anarquistas não são homens do seu tempo. Esses políticos, esses socialistas, é que o não são, porque continuam a defender o mesmo sistema que defendiam há cem anos, sistema reconhecido pelos próprios burgueses, como falido e incapaz de satisfazer as mais pe-

quenas aspirações dos oprimidos. E para confirmação deste axioma, cita o facto de, apesar da Convenção Francesa ter estabelecido o sufrágio universal em 1792, o povo continua sedento de justiça.

A pouca legislação social existente nos diversos países não tem sido mais que a sanção «legal» das reclamações publicamente formuladas pelas massas. E ainda assim ela só é cumprida quando os interessados sabem directamente usar d'esse direito. Por isso volta a afirmar que os políticos que advogam o regime parlamentar é que não são homens do seu tempo, porque não evoluíram. Outrotanto, porém, não acontece com os anarquistas, os quais, folheando a história e acompanhando a evolução social e os progressos científicos nas suas diferentes modalidades, proclamam a acção directa das massas, como única forma de transformar a sociedade.

A propósito de *homens do seu tempo*, não pode deixar de aludir ao facto do sr. M. J. da Silva afirmar, numa das suas crónicas publicadas no *Jornal de Notícias*, que Ermelindo Martins, anarquista (?), soubera ser homem do seu tempo, concorrendo, em 1879 ao acto eleitoral — quando é certo que Ermelindo Martins, embora fosse abstencionista, era simplesmente socialista. Nessa data, os anarquistas ainda não tinham em Portugal uma orientação segura e definida. Ela só foi tomada em 1885 a quando da passagem por Lisboa de Eliseu Reclus, e de que resultou a publicação do manifesto anarquista no Porto e em Lisboa, em 1886.

Afirmar, portanto, que Ermelindo Martins concorreu ao acto eleitoral como anarquista, é falsear a verdade e estabelecer o confucionismo.

A acção parlamentar dos socialistas nos diferentes países em que dispõem duma grandiosa representação, como na Alemanha e Itália, tem sido de um negativismo exuberante e até prejudicial aos interesses das classes trabalhadoras. Em reforço desta asserção, temos: a votação dos créditos de guerra e outros similares; a traição praticada pelo partido social-democrático italiano e alemão a quando do princípio da revolução social naquelas nacionalidades; e ainda o fracasso do governo trabalhista na Inglaterra. Tudo isto comprova, incontestavelmente, que os políticos avançados são sempre os que mais contribuem para

assegurar o princípio da propriedade, do qual o Estado é o maior defensor como caixeiro pressuroso do capitalismo.

Citando uma frase proferida por Alvaro de Castro, um dos políticos portugueses mais categorizados, pela qual declarou a «falência do Estado para administrar qua quer indústria, o camarada Lucena exprime-se, num sentido geral, sobre a mesma falência das funções estatais, incipzes, qualquer que seja o rótulo que tenha para seu uso interno e externo, de saciar a sede de justiça que os escravizados sentem.

E termina por aconselhar todos os trabalhadores a pôm de parte, por inútil, o decrepito sistema parlamentar e estatal, vieto que assenta nos mais rígidos princípios de autoridade — e por indicar que só tomando conta directa da gerência do trabalho e do consumo, é que o proletariado conseguirá a sua verdadeira felicidade.

### Comissão de Auxílio

#### PRÓ-JOSÉ PIRES DE MATOS

A comissão que se organizou para atender ao tratamento do camarada José Pires de Matos, vem por este meio declarar aos camaradas subscritores, que a auxiliaram na sua empresa, que desde 31 de Janeiro do corrente ano deixou de exercer a sua missão a pedido do próprio interessado e, ainda, que o saldo de Esc. 541\$80 que resultou da subscrição aberta, conforme o extracto de contas publicado no semanário «A Comuna», foi entregue ao Comité Nacional da União Anarquista Portuguesa, estando patente toda a documentação respectiva da receita e da despesa, na T. da Agua de Fôr, 16-2.º, em todos os dias úteis, durante os meses de Março e Abril próximos futuros, das 20 às 22 horas.

Declara mais que a responsabilidade da comissão sinatária cessou portanto, de de o dia 31 de Janeiro último.

Para liquidação das listas que ainda não foram recolhidas, queiram os camaradas que as tenham em seu poder, dirigir-se, de futuro, ao referido Comité.—A Comissão: Adriano Botelho, Alfredo Marques, José Carlos de Sousa, Pinto Quartim e Virgílio de Sousa.

PROLETARIADO À venda nesta  
HISTÓRICO, \$75 redacção